

Poder Popular

Director: Eduardo Ferro Rodrigues

Órgão do Movimento de Esquerda Socialista

ANO I.º 37

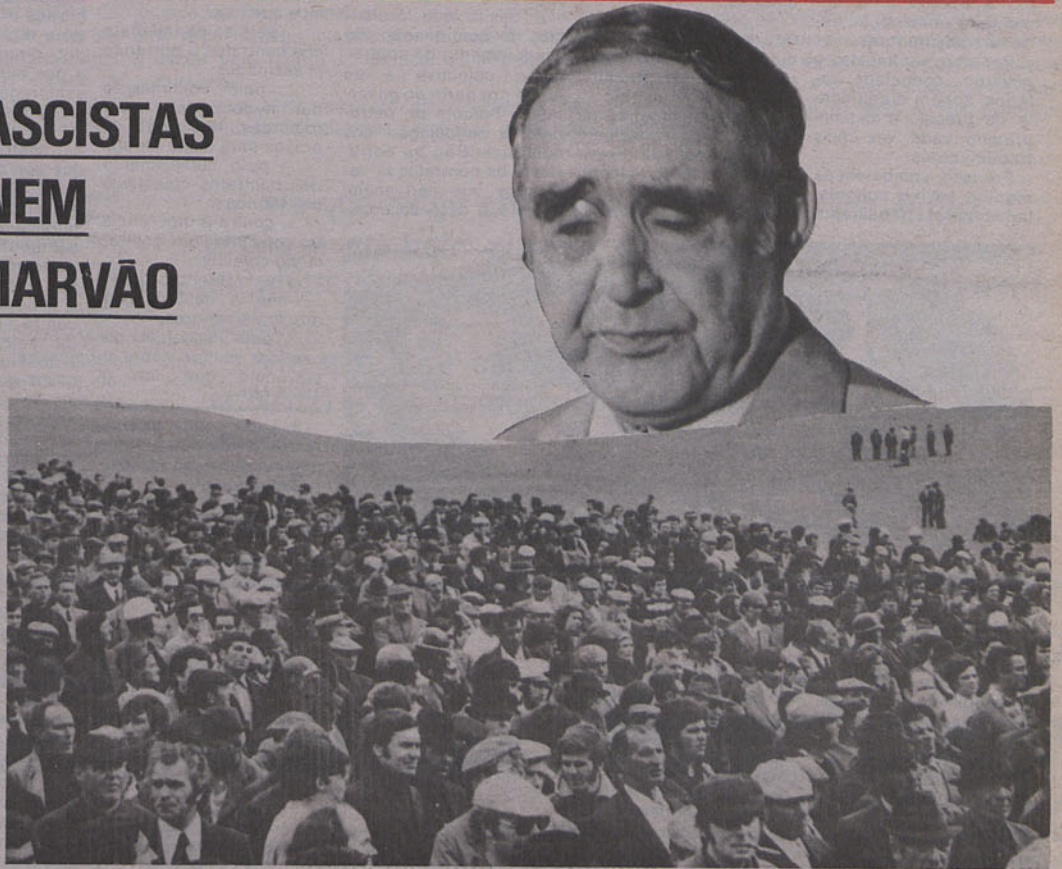
14/20 de Abril de 1976

Preço 4\$00

AS AUTORIDADES MILITARES DESMENTEM SPÍNOLA MAS PROTEGEM OS FASCISTAS!

OS FASCISTAS REUNEM EM MARVÃO

Ao mesmo tempo que a revista alemã «Stern» acusa Spínola de preparar um golpe fascista e insinua ligações do MDLP com altos comandos militares portugueses, os fascistas da CAP reúnem no Alentejo, sob a protecção do Exército que lhes garante a segurança para livremente conspirarem contra a Reforma Agrária!



COMICIOS

LISBOA
14

Voz
do Operário

PORTO
15

Palácio
de Cristal

LISBOA
19

Voz
do Operário

LISBOA
23

Campo
Pequeno



A classe operária tem de tomar a direcção da luta!

1. Lutar contra o aumento da exploração — lutar por melhores condições de trabalho e de vida.

Para aumentar a exploração dos trabalhadores, os capitalistas apoiados no VI Governo, tentam fazer trabalhar o máximo e pagar o mínimo. Por isso, capitalistas e governo tentam aumentar os horários de trabalho e as horas extraordinárias, aumentam os ritmos e recorrem ao trabalho a prémio para aumentar a competição entre os trabalhadores.

Por isso, capitalistas e governo congelam salários, sobem diariamente os preços, e desempregam cada vez mais trabalhadores.

Por isso, combatem as regalias sociais conquistadas pelos trabajado-

res, como é o caso da Previdência, em que o Ministério do Trabalho à boa maneira salazarista extinguiu o Conselho Coordenador da Previdência. Contra esta política temos que lutar:

- pelo aumento do salário mínimo;
- pelo aumento dos salários, dos subsídios de desemprego e das pensões de reforma;
- pela redução do horário de trabalho, dos ritmos e das horas extraordinárias;

- pela revogação da lei que permite os despedimentos sem justa causa Direito ao trabalho sim, desemprego não;
- pela revogação da lei que coloca novamente os fundos da Previdência nas mãos do capital;
- pela revogação da

lei da contratação colectiva.

2. Lutar contra a repressão do patronato — Lutar pelos direitos das massas trabalhadoras.

O Governo pretende montar a repressão legal sobre o movimento operário e abrir as portas à repressão militar e policial.

É assim que capitalistas e governo se entendem nas costas dos trabalhadores e fazem as suas leis.

É assim que assistimos à continuação do congelamento da contratação colectiva e ao apoio por parte do governo do boicote do patronato à negociação dos contratos. São as portarias e os contratos já assinados que não saem, como é o caso da cons-

A política antioperária do VI Governo exige uma firme resposta das massas trabalhadoras do nosso país. Dum lado temos a reacção capitalista ao ataque, do outro temos a política conciliadora dos sociais-democratas e reformistas, chamando às lutas operárias manobras da reacção e procurando que os trabalhadores fiquem quietos e votem.

Por isso os revolucionários têm de se pôr na cabeça da luta, mostrando que o fascismo nunca foi derrotado pela falta de firmeza, mas sim pelo combate sem tréguas, pela força organizada do movimento de massas.

trução civil, e é publicado um novo decreto para a contratação, que dá ao Estado poderes de decisão sobre aspectos importantes dos contratos.

Com a nova lei da greve pretende-se submeter ao regime militarista os trabalhadores das empresas públicas ou de entidade pública. Isto é, quarenta por cento dos trabalhadores portugueses, se fizerem greve, ficam sujeitos ao RDM fascista.

5 Quanto à proibição do lock-out não passa de letra morta, dado que a lei não prevê qualquer sanção aos capitalistas que o provocarem.

Contra esta política temos que lutar:

- pela saída imediata dos contratos e portarias já assinados;
- pela continuação das negociações interrompidas, reduzindo os prazos para o seu termo;
- pelo cumprimento dos contratos colectivos nas fábricas;
- contra a ingerência do governo na contratação colectiva;
- pelo direito à greve não à militarização dos trabalhadores;
- pela imposição de pesadas multas sobre o patronato que faz o «lock-out».

3. Lutar contra as manobras de divisão — lutar pela unidade das massas trabalhadoras

Temos que lutar contra estas manobras e

COMÍCIO DIA 14 LISBOA

Com a presença

de José Alves
Lurdes Torres
José Ferreira Martins,
José Luís Ganhão
e Augusto Mateus

LISBOA — Voz do Operário

unir os trabalhadores na luta contra o inimigo comum que é a exploração capitalista. Assim, temos que lutar:

- pela redução dos leques salariais em cada fábrica e entre cada sector e região; pela defesa dos direitos dos jovens e das mulheres, dos desempregados e dos reformados;
- contra o boicote do patronato à negociação dos contratos verticais e à tentativa de dividir os trabalhadores da função pública dos restantes trabalhadores;
- contra as manobras que tentam pôr em causa a unicidade sindical e contra a política conduzida pelo Ministério do Trabalho através do seu DROT que tenta voltar C. de T. contra Sindicatos apelando para a conciliação de classes — contra estas manobras temos que defender a unicidade sindical e a democracia nos sindicatos e em todas as organizações de classe, temos que lutar para que todas elas sigam uma linha de classe e não de conciliação com a burguesia.

5. Lutar contra a reconversão capitalista — Lutar pela defesa das nacionalizações, do Poder Popular e do controlo operário

A burguesia tenta por todos os meios destruir a capacidade que os trabalhadores ganharam em organizar a produção e em organizar a sua

força em cada fábrica e na sociedade.

Para isso, o governo avança substituindo o decreto do controlo da produção, por um decreto de controlo da gestão, tentando comprometer os trabalhadores na gestão das empresas. Para além disto tenta o governo asfixiar as empresas em crise que estão nas mãos dos trabalhadores ou que sofreram intervenção do Estado.

Os objectivos são muito claros: acabar com a intervenção do Estado nas empresas e preparar o regresso dos patrões e implantar a co-gestão nas empresas nacionalizadas pondo-as de imediato ao serviço do capital privado.

A essas manobras temos de responder:

- exigindo o apoio do Estado às empresas em crise e a passagem de credenciais às C. de T.
- defendendo as propostas já apresentadas pelos trabalhadores para a resolução da crise nos seus sectores;
- não recuando perante a ofensiva da repressão patronal e fazendo das fábricas fortalezas das nossas conquistas. Não podemos permitir o regresso dos sabotadores e saneados nem os despedimentos repressivos.
- não à co-gestão, não à colaboração com o patronato — sim ao controlo operário, sim à firme defesa dos interesses da classe operária.



Tomás Rosa, ministro do Trabalho e «independente» (!) situado entre o PS e o PPD (a classificação é dele próprio...) deu entrevista ao «Expresso».

Entre muitas afirmações «curiosas», faz a seguinte: «é possível, indispensável e até lógica a revogação do diploma que criou a Intersindical, visto que a Constituição já se pronunciou sobre esse problema».

Acrescenta que é contrário à unicidade por lei, podendo concordar com uma central sindical única, se os trabalhadores o entenderem «até porque o grande leque de partidos existente em Portugal poderia fazer criar tantas centrais de trabalhadores quantos os partidos políticos».

Estas afirmações do ministro do Trabalho são coerentes com a sua opção partidária, bem como a política antioperária que através do seu Ministério vem desenvolvendo. De facto é velho o fado do pluralismo sindical. Tão velho quanto o desejo do patronato de dividir os trabalhadores...

Também as «preocupações democráticas» do ministro nos não impressionam. O MES sempre combateu (em palavras e na prática!) os processos controladores e a linha de conciliação seguida pela Inter.

Mas há críticas de direita e críticas de esquerda...

E as do Ministro já nós conhecemos bem!



COMÍCIO DIA 15 PORTO

Com a presença

de Alberto Martins,
Nuno Teotónio Pereira
e Jacinto Rodrigues

PORTO

Palácio de Cristal

A DIREITA CONSPIRA!

Apesar das manobras dos militares reacçãoários e dos partidos direitistas, a Constituição acabou por ser promulgada pelo Presidente da República, estando a sua revisão a curto prazo bastante limitada. Tal facto representou sem dúvida uma derrota das forças contra-revolucionárias no campo legal. No entanto, a Constituição é um documento suficientemente ambíguo para permitir que quem esteja no Poder lhe dê uma interpretação antipopular, o que passa por colocar na Presidência da República e no Conselho da Revolução militares directamente comprometidos com os interesses capitalistas e imperialistas. É isto que explica o ambiente golpista que começa novamente a viver-se nas forças armadas e os boatos (com maior ou menor base de realidade) que insinuam estar em marcha uma nova fase do golpe reacçãoário, que passaria pela paralisação (por dentro e por fora) do Conselho da «Revolução» e sua recomposição (ao gosto da direita mais reacçãoária). Essas manobras preparariam o lançamento à Presidência da República de um militar que fosse um peão imperialista (não faltam candidatos a essa função...), a marginalização dos oficiais democratas do grupo dos «nove», o afastamento político de Costa Gomes e medidas drásticas de rápida profissionalização de um Exército colocado totalmente nas garras da NATO.

É neste quadro de conspiração que vêm a lume declarações de Spínola, em que este manifesta as suas intenções de utilizar a violência reacçãoária para chegar ao Poder e onde se afirmam ligações estreitas com importantes figuras político-militares como Pires Veloso, Ramalho Eanes, Morais e Silva. Isto seria suficientemente grave para impor o levantamento imediato de um rigoroso inquérito que esclarecesse a realidade ou falsidade das declarações spinolistas, se no Conselho da «Revolução» e no Governo Provisório estivessem homens e forças verdadeiramente antifascistas. Mas o que se passa é o inverso: os visados tentam a todo o custo abafar as consequências das palavras de Spínola, procurando minimizar o seu significado, insinuando que se trata pura e simplesmente de uma manobra do PC, acompanhando a sua reacção por demonstrações

militaristas de força. E contam com a cobertura política dos social-democratas e dos reformistas, que, dentro e fora das Forças Armadas, acompanhando o mal afinado coro, vão agindo como a avestruz (enfiação a cabeça debaixo da terra) afirmando que Spínola não passa de um louco com a mania das grandezas, um mero exagerado de monóculo...

Entretanto, e logo a seguir às próximas eleições, a NATO vai efectuar exercícios junto de Portugal, que são um perfeito treino militar para uma qualquer eventualidade de isolamento e cerco ao nosso País. Tais exercícios são uma enorme provocação ao povo trabalhador, uma ameaça clara da ingerência total do imperialismo em Portugal, e contam com o patrocínio de algumas destacadas personalidades militares portuguesas. A realização dessas manobras, num momento em que se definirão as alianças políticas necessárias para a formação de um Governo apoiado na maioria da Assembleia da República, coincidindo com o 1.º de Maio, jornada de luta e unidade da classe operária, é uma peça no jogo imperialista de pressão política e militar para reduzir ao silêncio os trabalhadores portugueses.

O que tudo isto demonstra claramente é o reduzido significado das eleições burguesas para a As-

sembleia da República, em comparação com o que vai passando no plano político-militar, nos quartéis e nos Estados-Maiores. O que tudo isto significa, é que a burguesia e o imperialismo continuam a manobrar em grande escala contra o povo trabalhador de Portugal, sem que haja, por parte dos reformistas, alguma resposta que não seja a permanente política de conciliação.

Camaradas:

Apesar de se estar em pleno período de campanha eleitoral, a ameaça fascista avoluma-se. Os trabalhadores têm de contar cada vez mais com as suas próprias forças, com as suas organizações de classe e as suas estruturas autónomas de base para combater o inimigo capitalista e imperialista. Os trabalhadores têm de desconfiar cada vez mais do PC que não alerta nem organiza o Povo para a luta contra o fascismo, estando totalmente metido na lama eleicoeira e tentando alimentar falsas ilusões de que é possível bater os conspiradores com uma «maioria de esquerda» no terreno parlamentar. Os trabalhadores têm de apoiar a verdadeira esquerda anticapitalista que é a única consequentemente antifascista e que tem no MES a sua expressão neste período eleitoral.

Há que exigir um rigoroso inquérito com participação e controlo popular às actividades fascistas, às infiltrações do MLP nas Forças Armadas Portuguesas.

Há que lutar contra as manobras provocatórias da NATO e a actividade dos lacaios do imperialismo em Portugal.

Há que fortalecer a unidade do Povo, contra o fascismo, pelo Poder Popular.

Linha do Poder Popular vence eleições em Económicas

Realizaram-se nos dias 5, 6 e 7 as eleições para a Direcção da A.E. ISE tendo saído vencedora a lista B (proposta pela Direcção anterior) que se propõe «Unir os estudantes às massas populares contra o fascismo.»

Pelo Poder Popular! Pela Reforma Agrária! Pelo Controlo Operário!

Tendo como opositores a lista C dita de «Unidade antifascista e anti-social fascista!» e a lista A que pretendia «Reconstruir a Associação».

Estas eleições tiveram a maior participação de sempre no ISE e uma das maiores até hoje realizadas em todas as escolas do País, tendo votado na lista B 1.085 estudantes (47 ptr cento) na lista C 650 (27 por cento) e na lista A 460 (20 por cento) (UEC).

Estas eleições representaram mais uma vi-

tória de todos os estudantes antifascistas e revolucionários e das forças da esquerda revolucionária que assim mantém as tradições de luta progressista da escola e a sua disposição de continuar a luta na 1.ª linha, ao lado da classe operária e do Povo contra os fascistas e reacçãoários representado no seio dos estudantes pela lista C, que contou com o apoio de toda a direita reacçãoária (CDS, PPD e PS) e do MRPP.

VIVA A UNIDADE ANTIFASCISTA E REVOLUCIONÁRIA!
MORTE AOS FASCISTAS E A QUEM OS APOIAR!
PELO PODER POPULAR ATÉ À VITÓRIA FINAL!

A Direcção da A.E. ISE

ASSINATURA

Poder Popular

6 meses 100\$00

12 meses 200\$00

apoio 400\$00

estrangeiro Europa 500\$00

Nome _____

Morada _____

Localidade _____

Profissão _____

ENVIO CHEQUE N.º _____

BANCO _____

ENVIO VALE DE CORREIO N.º _____

JORNAL SEMANAL _____ todas as 3.ªs-feiras

Propriedade do Movimento de Esquerda Socialista

Administração - Redacção
Av. D. Carlos I - 128, Lisboa
telefone 86 26 83

Composição e impressão
Renascença Gráfica SARL
Rua Luz Soriano, 44 Lisboa

DIA 15—Plenários de Norte a Sul

Por todo o lado o patronato ataca, fecha empresas, despede trabalhadores, esforça-se por recuperar todos os seus privilégios.

O Governo do social-almirante e as tropas «reestruturadas» pela burguesia servem de pano de fundo à recuperação capitalista

O sector têxtil tem sido particularmente atingido por esta ofensiva. Aos trabalhadores resta um caminho — o da luta.

Neste sentido a Federação dos Trabalhadores Têxteis, Lanifícios e Vestuário de Portugal convoca os 300 mil trabalhadores do sector para que no próximo dia 15 de Norte a Sul do País realizem Plenários para discussão dos problemas da classe.

Adiante reproduzimos parte do comunicado desta Federação, onde se descrevem vários exemplos do que é a «ordem» dos patrões.

Têxtil Manuel Gonçalves — Vila Nova de Famalicão

Empresa têxtil com 3170 trabalhadores, a maior do País.

Esta empresa era caracterizada pela sua pobreza em regalias sociais para os trabalhadores. As regalias sociais existentes só chegavam aos sectores privilegiados nomeadamente aos trabalhadores que ganhavam mais de 10 000\$00 mensais.

Após o 25 de Abril o movimento sindical começou a incrementar-se na empresa, alcançando-se grandes conquistas.

As anomalias detectadas no sector económico e financeiro eram de tal monta que levaram o Governo a intervir através do Dec.-Lei 660/74 suspendendo a actividade da administração e nomeando uma comissão administrativa.

No período de seis meses de ausência da administração, os seus laços tudo fizeram para criarem a divisão e confusão no seio dos trabalhadores. Fintos os seis meses o Governo decidiu entregar novamente a firma à antiga administração procurando esta afastar do seu caminho todos os operários que tinham coragem de desmascarar toda e quaisquer sabotagem. Assim, impôs, como condição para o seu regresso, o afastamento de 17 trabalhadores dos mais activos que não se deixavam vergar nem colaboravam nos seus truques.

Há três meses que a luta dos 17 trabalhadores é uma realidade, todavia, o Governo, embora tenha determinado a reintegração dos 17 trabalhadores, não quer afrontar o patrão Manuel Gonçalves.

Ferreira e Reis — Vila Nova de Famalicão

Esta empresa de confecções tem 75 trabalhadores. Quando surgiu o problema da Têxtil Manuel Gonçalves, uma grande parte dos trabalhadores da Ferreira e Reis decidiram apoiar a luta dos 17 considerando-a justa.

A partir desse momento começaram a sofrer represálias constantes, principalmente por 5 empregados (irmãos Guimarães) que se põem declaradamente ao serviço do patronato.

Quando o patrão pôs o quadro do pessoal afixado, os trabalhadores detectaram salários diferentes para trabalhos iguais. Decidiram entrar em greve reivindicando igualdade de salários. Ao fim do segundo dia a entidade patronal reuniu com um grupo de trabalhadores. No dia seguinte não deixaram entrar 16 trabalhadoras dizendo que não tinham ordens para as deixar entrar.

Feitas diligências no Ministério do Trabalho e respectivo secretário de Estado ainda não se conseguiu vencer o problema.

O método é o usual: o patrão, no MT, diz que não tem culpa mas na fábrica diz aos trabalhadores que lá estão para actuar não as deixando entrar.

Coronado — Santo Tirso

Empresa de vestuário com 250 trabalhadores, situada na região de Santo Tirso. Quer despedir 37 trabalhadoras. Porquê? Porque deseja e quer manter a exploração silenciosa dos anos anteriores.

Não permite o esclarecimento, o diálogo, a exigência das trabalhadoras.

É o patrão «democrata» de emblema do PPD e cravo vermelho ao peito, que rouba o sagrado direito ao trabalho de 37 mulheres negando o pão e a felicidade dos seus filhos.

É este patrão explorador, sem sentimentos, que quer responsabilizar as trabalhadoras da produção por esta manobra. É este patrão explorador com grandes ligações com a Riopelle de Famalicão que não acata as ordens dadas pelo MT em várias reuniões já havidas.

São estes, por outro lado, que falam na necessidade de autoridade e ordem. Uma autoridade e ordem que lhes permite explorar, reprimir, e enriquecer — viver no mundo de opulência e prazer à custa do sofrimento e morte lenta dos operários.

As 37 trabalhadoras têm que voltar à empresa. Os trabalhadores todos da Coronado têm de, fraternalmente, unir-se e defender-se contra a mentira e opressão, venha ela de onde vier.

Agressões em Minde

No Verão do ano passa-

do, quando da vaga terrorista desencadeada pela reacção após a aprovação pela Assembleia do MFA do Plano Guia Povo/MFA, o distrito de Leiria foi um dos pontos mais atingidos.

Assim, em Minde, os caciques locais, pequenos e médios patrões, iludindo alguma população, sobretudo de aldeias vizinhas, pararam as fábricas de lanifícios, expulsando e espantando delegados e dirigentes sindicais, tendo alguns que recorrer a trágico no hospital. Vários trabalhadores se viram assim no desemprego!

Justiça continua por fazer não obstante as promessas do dr. Marcelo Curto, secretário de Estado do Trabalho.

José Lopes do Vale — Vizela

Empresa têxtil. Depois de uma longa luta dos trabalhadores para que lhes fossem pagos os salários contratuais e regalias sociais, sempre se negou alegando impossibilidade financeira e que fechava a fábrica.

Depois de uma greve, houve reunião de credores, chegando-se à conclusão que o patrão não queria continuar na fábrica porque não queria roubar os credores, mas roubou os operários.

Ficou nesse dia resolvido o encerramento definitivo. Fez-se um inventário a toda a existência, na presença dos advogados das partes. O total dos resultados da venda das existências seria distribuído pelos trabalhadores consoante os seus débitos e antiguidades.

Três dias após este acordo, o patrão manobrou 30 trabalhadores fazendo deles «autogestores» e pôs na rua 27 operários. Apesar do esforço do Sindicato e dos «despedidos», na Delegação de Braga no MT e em Lisboa no próprio MT todas as tentativas foram infrutíferas.

Porém, a luta continua.

Confexpor — Vila Verde

Empresa de vestuário. Pelo «crime» de terem ido ao Sindicato, 5 reparagos de 15 e 16 anos apenas foram postas fora da fábrica tendo o patrão ameaçado fechar a empresa se as restantes trabalhadoras defendessem as suas colegas de trabalho.

Sebastião e Manuel — Penafiel

Empresa de confecções com 60 trabalhadores. Os operários organizaram-se e exigem os seus salários.

A «justiça» do explorador recaí sobre os 4 trabalhadores mais activos, despedindo-os, entre eles um delegado sindical.

O mesmo patrão que antes não tinha dinheiro para

pagar os salários, agora já tinha para pagar as indemnizações, dizendo: — «Pague o que pagar, não os quero cá».

Vaz Ferreira — Porto

Empresa de lanifícios. Por motivos fúteis, os patrões manobram para «sanear» dois dirigentes sindicais, sempre se negou alegando impossibilidade financeira e que fechava a fábrica.

Solobo — Famalicão

Empresa de vestuário. Despedidas 2 trabalhadoras porque não quiseram assinar um acordo que o patrão queria fazer para pagar os salários abaixo do contrato colectivo.

Ebor — Guimarães

Empresa t'xtil. Despediu uma operária sem qualquer motivo, a quem pagava 60\$00 diários, e com um ano de casa, descontava o dinheiro para a Caixa, mas não o enviava à mesma.

com o «argumento» de que era «ou ela ou eu».

Tóquio — Famalicão

Empresa de vestuário. Um trabalhador despedido por manobra do patrão junto dos restantes trabalhadores.

Silva Lopes — Braga

Empresa de vestuário. O patrão despediu uma aprendiz pelo facto de esta não querer trabalhar depois da hora numa tarefa que não lhe competia (varrer o chão).

Outros casos têm acontecido em que a luta e devida resposta dos trabalhadores não deixou passar as manobras dos patrões, como por exemplo:

Rolsol — Porto

Empresa em autogestão (vestuário) desde 3-4-75, dia em que o patrão fugiu para o estrangeiro e onde trabalham 650 trabalhadores divididos em 3 unidades fábricas: Ermesinde, Rua de Tânger e Constituição.

Na unidade de Ermesinde a repressão aos trabalhadores fez-se sentir: laços do patronato e do capitalismo tentaram por todas as formas dividir os trabalhadores da produção e consequentemente, afastar da empresa 14 trabalhadores mais conscientes.

Foi uma luta dura a destes camaradas que unidos aos trabalhadores do sector a levaram por diante. A sua persistência, porque portadoras da verdade e da razão, conseguiu de novo a sua reintegração, mas na fábrica da Rua de Tânger. A luta continua, pois os inimigos dos trabalhadores ainda não desarmaram.

Lanofabril — Covilhã

Também aqui os patrões desta empresa de lanifícios (mais de 600 trabalhadores) arruinaram a empresa com a má gestão e forame embora.

Um destes dias, quiseram voltar pondo como condição o «saneamento» de 22 trabalhadores. Em bloco, todos os trabalhadores se opuseram dizendo um firme não ao mesmo tempo que pediram a intervenção estatal.

Assim se prova que unidos e organizados os trabalhadores vencem e vencerão sempre!

Como se pode ver, este é o rol das «vantagens» do capitalismo — para os patrões.

Analisando vemos que tudo isto não acontece por acaso. Dos 20 casos atrás descritos 13 passaram-se no distrito de Braga, onde o ELP, MDLP e C.º actua à vontade, 5 no distrito de Porto e um no distrito de Leiria, tudo zonas onde a reacção aterroriza o Povo e sente força para actuar.



Minorte — Darque — Viana do Castelo

Empresa de vestuário. O patrão tentou manobrar os trabalhadores para «sanear» 2 camaradas. Como não conseguiu, despediu-as ele. Uma delas é delegada sindical.

Correia e Imão — Pevidém

Empresa têxtil. Despediu um operário no dia 5-4-76. A empresa paralisou exigindo a imediata reintegração do trabalhador. A luta alastrou a outra empresa dos mesmos sócios (Lopes Correia), que também paralisou em acto solidário.

José Gonçalves Cunha — Pevidém

Empresa têxtil. Despediu 1 delegado sindical, por este reclamar férias e subsídio de férias para todos os colegas de trabalho.

Não paga os salários contratuais, provoca e maltrata trabalhadores que reclamam os seus direitos. Em qualquer momento ameaça de pistola. Já disparou um tiro contra uma janela, para assustar.

Silva e Dorez — Porto

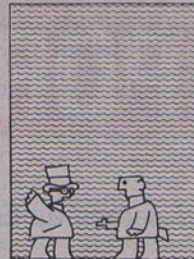
Empresa de confecções com 60 trabalhadores, com patrão «democrata» que quer estabelecer a «sua paz e a sua ordem» fruto da exploração silenciosa e que não é igual à paz e ordem a que os trabalhadores aspiram e procuram e por isso despediu uma delegada sindical.

Júlio Costureiro — Porto

Oficina de vestuário. Pequeno número de trabalhadores onde o ódio e injustiça do patrão confundiu despedindo o trabalhador mais activo e consciente, que é dirigente sindical.

Rio Homem — Braga

Fábrica de vestuário. O patrão despediu uma trabalhadora, delegada sindical,



Estamos, novamente, no período em que a burguesia e o sistema capitalista pretendem que o povo vai decidir qual o «seu» governo e mostrar a «sua» vontade: as eleições para o Parlamento.

Esta é uma das principais maneiras com que o ideologia da dominação burguesa capitalista procura esconder a divisão da sociedade em classes, cada uma com interesses próprios e distintos, identificando-se «povo» com toda a população do País, quando isso não é de maneira nenhuma verdade (como bem o sabe esse mesmo povo).

Há duas classes com interesses completamente opostos, que ofuscam todas as outras: uma, a burguesia possuidora das matérias-primas e de todos os meios de produção, cujo sistema capitalista justifica a existência mesma da sua dominação como suporte daquele; a outra, o proletariado, a classe operária nas cidades e os assalariados rurais nos campos, que apenas subsistem vendendo a sua força de trabalho para fazer funcionar os meios e instrumentos de produção dos capitalistas, produzindo e criando todos os bens e a riqueza

do País, e cuja justificação está na luta por uma sociedade nova, a sua sociedade, na luta pelo socialismo.

O domínio de uma é a sujeição da outra. A liberdade de uma é a escravidão da outra. E o desaparecimento de uma é o desaparecimento da listas» que só o são nas palavras (alguns até nisso, como agora se anda a ver) e hoje estão do lado dela, apoiando-se no argumento da democracia em geral outra: a sociedade sem classes, o comunismo.

Mas a burguesia, e mesmo todos os «socialistas» que querem fazer esconder a existência das classes.

Capitalistas e social-democratas estão de acordo em ver na democracia parlamentar o modelo perfeito da democracia disfarçando a dominação de facto do dia-a-dia do sistema capitalista.

Apresentar assim as coisas desligadas da existência de classes sociais, pretendendo considerar o conjunto da nação em abstracto, é o mesmo que rir do princípio fundamental do socialismo, a luta de classes, que se verifica no dia a dia do nosso país, bastando mesmo ler os jornais para de tal se dar conta.

— QUE DEMOCRACIA?...

A tão falada democracia não passa, afinal, da democracia burguesa. Nela quem é que faz as leis? Quem manda? Quem fez a lei da greve spinolista e quem é que a quer voltar a aplicar? Quem faz as leis dos despejos que os tribunais burgueses, «ao serviço do povo», aplicam contra os moradores pobres e ocupantes?

E o «socialismo e liberdade» que se diz visar não passa da liberdade deles entenderem es-

se «socialismo» à sua maneira e que lhes serve para continuar a governar sobre o povo.

Na democracia burguesa as pessoas têm liberdade de falar, reunir, associar-se, etc., ... mas também têm a liberdade de explorar o seu semelhante. Nesta «democracia» os operários não são os donos dos meios de produção: fábricas, terras, minas, etc.; são os burgueses (capitalistas) que estão no poder que detêm esses meios.

Só há verdadeira democracia quando o povo é o dono das riquezas e possuidor das fábricas, das terras, dos transportes, das minas, etc. Esta é a **democracia dos trabalhadores**, em que o poder político e económico passou para as mãos da classe operária e do povo.

Nas anteriores eleições, há um ano, também toda a nação foi misturada (uma pessoa, um voto igual), ao lado do povo votaram também os capitalistas exploradores e todos os seus encarregados. Mas o certo é que os interesses dos operários nas fábricas, dos camponeses nos campos, dos soldados e marinheiros nos quartéis, dos moradores nos bairros são bem distintos e têm de ser resolvidos pelos próprios nos seus locais de trabalho e de vida.

AS ÚLTIMAS ELEIÇÕES

Nessas eleições para a Constituinte foram frequentemente referidos toda uma série de termos que, usados em proporções diferentes entre os vários partidos, quase sempre não foram esclarecidos para o povo trabalhador.

Os dados que vamos apresentar de seguida mostram bem que interesses e verdadeiras intenções motivam o uso de palavras tais como: **democracia, liberdade ou socialismo**, por parte quer dos representantes do fascismo quer por parte da social-democracia ou dos reformistas.

Estas três palavras são significativas, quando confrontadas com os dados que abaixo transcrevemos, para mostrar o que é a demagogia eleitoral dos «grandes partidos».

E porquê? Porque estes partidos (CDS-PPD-PS-PCP), representando interesses de clas-

Essa é a tarefa do **poder popular** e não do parlamento burguês. Só o poder popular realizará a verdadeira democracia para os trabalhadores. Só os seus órgãos resolverão os seus assuntos, e nunca os órgãos que dão também assento à burguesia e aos seus partidos.

Que a burguesia diga o contrário não nos deve admirar. Mas também os representantes do «socialismo» burguês, aqueles que pensam poder melhorar o modo de vida do povo sem alterar o sistema de exploração, elevam hoje a voz em coro com os capitalistas, cantando esse mesmo refrão. A característica essencial do socialismo burguês é procurar conservar a base de todos os males da sociedade actual e «querer» ao mesmo tempo aboli-los.

se diversos, usam no entanto as mesmas palavras (às quais o povo é sensível), o que nos revela que elas são entendidas e usadas por cada um desses partidos com finalidades e significado diferentes.

É para isto que chamamos daqui a atenção: uma mesma palavra na boca de vários palavrões não quer dizer necessariamente a mesma coisa. E quase sempre nunca quer dizer o que essa coisa (como é o caso dos três conceitos acima mencionados) efectivamente é.

Mas, para tanto, vejamos quais as palavras e conceitos que mais foram utilizados nas eleições para a Constituinte, ou aqueles a que menos ou mesmo nada se referiu cada um daqueles partidos, de entre uma série de termos politicamente mais significativos:

CDS Termos nunca usados:

— assalariado - burguesia - camponês - classe - luta de classes - operário - reforma agrária;

Termos usados numa percentagem esmagadora:

— democracia - família - justiça - nacional - ordem - paz - progresso.

PPD Termos quase nunca usados:

— assalariado - camponês - classe - operário;

Termos muito usados:

— democracia - justiça - liberdade - paz - socialismo.

PS Termos mais usados:

— democracia - liberdade - revolução - socialismo;

Termos menos usados:

— assalariado - burguesia - camponês - operário - proletariado.

PCP Termos mais usados:

— democracia - liberdade - monopólio - ordem - revolução - socialismo;

Termos pouco usados:

— burguesia - capitalismo.

MDP Termos mais usados:

— democracia - liberdade - monopólio;

Termos quase nada usados:

— burguesia - capitalismo - classe - luta de classes - operário - proletariado.

QUAL O SIGNIFICADO DE TUDO ISTO?

Quanto ao representante n.º 1 do fascismo na legalidade, o CDS, é claro o discurso velho de 50 anos do «Deus, Pátria, Família, Autoridade, etc.». Apesar de naquela altura ainda um tanto disfarçada, a sua ideologia de índole fascista aparece claramente ao de cima.

O PPD, partido que se diz social-democrata, falou muito em socialismo, em liberdade e justiça. Mas para o PPD, partido da burguesia e do capitalismo europeu, que significarão estas palavras?

Assim como em relação ao PS, que, ao usá-los mesmos conceitos e não os referenciando em termos de classe, revela não ter em atenção que democracia, liberdade ou socialismo só o serão se representarem os interesses de classe dos explorados e oprimidos. Falar em democracia ou liberdade sem se falar em burguesia e em proletariado é não entender nada do que é o Socialismo.

Para os reformistas do PCP ou MDP, fica patente o seu «cuidado» eleitoralista em não assustar toda uma possível clientela eleitoral entre as classes médias que se procurava atingir, não falando muito do principal inimigo de classe e falando demasiado em **ordem**, sendo que para o desaparecido MDP também parecia não existirem classes, tal era o seu afã ao procurar apresentar-se como um verdadeiro defensor do povo e da democracia em geral, sem distinção de interesses.

O MES, partido da esquerda revolucionária, que ergue neste momento o grande objectivo da luta pela unidade do povo, contra o fascismo e pelo poder popular, chama assim a atenção do povo para falsa utilização de certos termos pelos partidos burgueses ou reformistas e que apenas servem a estes para melhor continuarem a enganar quando dizem e fomentam a ilusão de que estão a esclarecer.

A ALTERNATIVA BURGUESA PARA PORTUGAL É O FASCISMO

Intervenção na TV do camarada Eduardo Graça, do Comité Central

O Movimento de Esquerda Socialista saúda a classe operária, os camponeses e o povo trabalhador de Portugal. Saudamos todos aqueles que nas fábricas, nos campos, nas empresas, nos quartéis, nos bairros e nas escolas tem lutado com todas as suas forças para que desapareçam para sempre da nossa pátria a exploração e a opressão.

Saudamos ainda todos aqueles que se tem batido com determinação pelo socialismo em Portugal, por um Portugal independente, por um Portugal dos trabalhadores, pelo Poder Popular.

O MES, dirige-se principalmente a todos os militantes antifascistas, aos democratas, aos verdadeiros socialistas, aos comunistas, a todos os homens e mulheres com ou sem partido que nunca abandonaram a luta pela defesa dos interesses do povo.

Queremos enviar uma saudação especial aos trabalhadores que desde o 25 de Abril tem visto as suas lutas serem caluniadas ou traídas, como os trabalhadores dos CTT e da construção civil.

Saudamos os soldados, marinheiros, sargentos e oficiais que foram afastados violentamente dos quartéis após o golpe de direita do 25 de Novembro.

Manifestamos a nossa solidariedade aos milhares de soldados, sargentos e oficiais expulsos do Ralis, da PM, da EPAM, do RASP-Cicap, aos pára-quedistas de Tanços.

Sobretudo aqueles que, como os maiores Tomé, Cuco Rosa e Campos Andradá, da PM, ainda hoje se encontram presos por terem ousado defender o povo.

Saudamos as mulheres do Povo, grandes e maiores vítimas do capitalismo, exploradas no trabalho e em casa.

Saudamos também os milhares e milhares de desempregados e os reformados, que em cada dia que passa veem os

seus magros recursos serem devorados pela alta do custo de vida.

Saudamos, em suma, todos os que não regateando sacrifícios tem dado mostras de incondicional dedicação ao combate por uma sociedade justa e fraterna onde não haja lugar para a exploração, a mentira e a miséria.

OS «DEMOCRATAS» DO FASCISMO

Os Partidos de direita neste País, todos eles se afirmam democratas. Se não vejamos como se chamam os Partidos de direita: PDC, CDS, PPD.

Mas, que democracia preconizam estes Partidos?

Estes são partidos de direita e para verificar isso basta conhecer o passado político dos seus dirigentes, que andaram de braço dado com os responsáveis fascistas; a folha de serviços dos seus principais activistas; o apoio que lhes dão os grandes patrões e as potências estrangeiras e o dinheiro que estragam em propaganda eleitoral. E como tal, quando falam de democracia e em liberdade estão pura e simplesmente a tentar enganar o povo português.

Porque os patrões e os jornalistas já percebem que em Portugal não é possível uma democracia burguesa, uma social-democracia como aquela que existe na Alemanha, em Inglaterra, na França, ou nos países nórdicos, democracias essas que apesar de serem fortemente repressivas para os trabalhadores mantem ainda algumas liberdades de organização política e sindical.

Ora isto em Portugal não é possível, porque a recuperação capitalista só se pode fazer à custa da repressão, da miséria e da exploração desenfreada sobre o povo trabalhador.

A democracia burguesa — a social-democracia, não é possível em Portugal senão durante

um período limitado que não é mais do que o abrir das portas a um regime de tipo fascista.

A alternativa burguesa para Portugal é o fascismo.

É esta, amigos, a alternativa 76 de que nos fala o CDS.

Os políticos burgueses, quando veem falar de democracia, de liberdade, de reconstrução económica, estão a pensar num regime em que quem manda são os patrões, onde os trabalhadores estariam impedidos pela força da repressão de se organizarem e combaterem legalmente.

Os partidos de direita, o PDC, o CDS, o PPD falam em democracia mas sonham com o fascismo, com o regresso aos bons velhos tempos da opressão e exploração, dos regimes de Salazar e Caetano.

RESISTIR À AMEAÇA FASCISTA PARA CONSTRUIR UMA PÁTRIA LIVRE, INDEPENDENTE E SOCIALISTA

Reconstruir Portugal são duas belas palavras. Mas quem pode reconstruir Portugal?

A única força capaz de reconstruir Portugal é a força dos trabalhadores portugueses, força que só se manifestará quando for o povo a mandar, quando o Poder Popular estiver organizado de norte a sul do País.

Mas os trabalhadores recusam firmemente reconstruir o Portugal dos capitalistas, recusam reconstruir a P.I.D.E., a censura, os lucros dos Champalimauds e dos Melos, recusam-se a reconstruir a sua própria miséria.

O MES diz claramente ao povo português:

Há uma ameaça fascista e não serão os reformistas, os social-democratas, os socialistas de pantufas, os democratas envergonhados, os políticos de gabinete, os militaristas de pingalim e bota alta que poderão travar o golpe fascista em marcha!

Não é a Assembleia da



República nem qualquer maioria parlamentar seja ela qual for que poderá sustentar a ameaça fascista.

Essa ameaça só encontrará barreira eficaz na organização dos trabalhadores.

Se os trabalhadores resistirem organizados nos campos e nas cidades, nos seus sindicatos, nas suas comissões de trabalhadores e moradores, nas suas cooperativas e unidades colectivas de produção... o fascismo não passará!

Essas estruturas são a muralha capaz de fazer face à ameaça fascista.

O caminho que apontamos à classe operária e ao povo não é o caminho da retirada.

É sim o caminho da resistência que permita retomar a iniciativa, não para dar golpes — a política dos revolucionários não é a política dos golpes, é uma política que assenta nas aspirações justas do povo em acabar com a miséria e com a exploração, que aponta no sentido da construção de uma Pátria livre, independente e socialista.

Por isso dizemos que **unidade do povo** é para nós fundamental neste momento de resistência.

O MES é o partido da unidade. O MES luta e

lutará pela unidade: a unidade dos trabalhadores, a unidade dos revolucionários.

Lutando pelo Poder Popular, apontamos o caminho da unidade nas fábricas, nas empresas, nos bairros e nos campos contra as divisões partidárias.

Todos os trabalhadores sejam deste ou daquele partido tem um mesmo inimigo: o fascismo, o capitalismo, a exploração, a repressão, a miséria e a mentira.

VOTO MES VOTO NO PODER POPULAR

A presença do MES nas eleições é um imperativo político.

A nossa candidatura representa a verdadeira esquerda, a esquerda revolucionária anticapitalista e logo consequentemente antifascista. Somos a expressão autêntica da luta pela unidade do povo em todos os terrenos.

Somos a alternativa que poderá levar à prática o projecto político que consiste na **organização da resistência popular generalizada, da resistência ao poder da burguesia.**

Daqui que a nossa

candidatura não represente o mesmo que a de partidos da burguesia ou reformistas.

Nós já dissemos por diversas vezes e insistimos: **o MES não enfreque a esquerda apresentando listas e apelando ao voto,** porque o MES é um partido consequente que sempre defendeu os interesses da classe operária e do povo. Os deputados do MES manter-se-ão fiéis a esta linha.

A esquerda ficaria mais fraca se não houvesse um Partido com coragem de propor a classe operária e ao povo o caminho para o poder popular.

Não o fazer seria repudiado o mais importante que se passou neste País desde o 25 de Abril e abdicar de lutar pelo socialismo e pela independência nacional a que a classe operária e o nosso povo aspiram e que acabarão por conquistar.

Votar no MES eleger deputados revolucionários do MES, isto sim é o voto útil, o voto que garante a defesa intransigente na Assembleia da República, das lutas dos trabalhadores contra a exploração, pelo Poder Popular.

Em frente com a Reforma Agrária!

Intervenção na TV do camarada António Moreira

António Moreira, trabalhador agrícola, presidente da Comissão administrativa da Casa do Povo de Alburnoa, elemento da Comissão de trabalhadores da Cooperativa Poder Popular em Alburnoa, 1.º candidato da lista do Movimento de Esquerda Socialista pelo distrito de Beja.

Ora eu como trabalhador agrícola não vou aprofundar-me muito no aspecto da Reforma Agrária, quero sim dedicar um pouco de atenção ao que é a luta nos campos, mas como tal vou dizer: a Reforma Agrária é a libertação dos trabalhadores agrícolas da exploração e da opressão de que foram vítimas tantos anos.

Ora a luta dos campos não começou após o 25 de Abril, a luta dos campos tem o seu cariz marcado de há mais tempos, antes do 25 de Abril nós sempre lutamos pelas 8

horas de trabalho, pela melhoria de condições de vida e pelas reivindicações.

Como tal vou dedicar também um pouco de atenção às ocupações. Em nome dos trabalhadores agrícolas, no Alentejo, ou seja o Sul do País, temos sido caluniados e atacados em especial na região Norte do País. Ora os camaradas do Norte estão mal informados, as ocupações que nós temos feito não tem sido ocupações selvagens, não temos roubado terra a pequenos e médios agricultores, portanto eu aqui estou presente para o afirmar e peço aos camaradas que desçam ao Sul do País e que vejam com os próprios olhos a realidade dos trabalhadores agrícolas do Sul, do Alentejo. Como tal, também se fala muito e se tem criticado e atacado os trabalhadores agrícola-

mentes como é por acaso o exemplo do regadio, nós temos feito não têm duto alimentares-base por cento mais de trigos e de cevadas e se o ano agrícola for promissor estamos a contar com um aumento de produção na ordem dos 30 a 50 por cento. Não irei jogar com números só a próxima campanha o irá dizer.

Como tal, também no Norte, temos sido caluniados e atacados, de que os trabalhadores agrícolas até no aspecto as tornam incompetentes, continuam com os mesmos métodos de cultura que antigamente se usavam, pois isso é falso. Para mim como trabalhador agrícola até me fere a dignidade, e como tal digo que é falso, porque nós em unidades de produção e em cooperativas agrícolas temos fomentado planos de exploração agrícola dife-

rentes como é por acaso o exemplo do regadio, nós temos feito não têm duto alimentares-base por cento mais de trigos e de cevadas, e se o ano agrícola for promissor estamos a contar com um aumento de produção na ordem dos 30 a 50 por cento. Não irei jogar com números só a próxima campanha o irá dizer.

Como tal ainda mais digo, os camaradas do Norte, que tomem em conta, que não oçam boatos, que não caluniem os trabalhadores agrícolas do Sul, nós estamos com todos os trabalhadores, com todos os explorados e oprimidos do Norte.

desçam à cooperativa Poder Popular para que com os vossos próprios olhos vejam a realidade daquilo que estou a exprimir.

Temos apenas o crédito de emergência mas que só não basta. Muitas vezes os trabalhadores agrícolas têm muita vontade de investir, mas como? Não têm o apoio financeiro de que dependem eles próprios, que permita investimentos como os que atrás citei.

Como tal ainda mais digo, os camaradas do Norte, que tomem em conta, que não oçam boatos, que não caluniem os trabalhadores agrícolas do Sul, nós estamos com todos os trabalhadores, com todos os explorados e oprimidos do Norte.

EM FRENTE PELA REFORMA AGRÁRIA!



BRAGA-Antime

O MES denuncia os crimes dos terroristas fascistas

Numa sessão de esclarecimento aqui realizada com a presença de cerca de sessenta operários, os camaradas José Peixoto e Maria Nizete Morato fizeram intervenções em que se deu a conhecer a posição do MES face às eleições e ao actual momento político. O significado profundo dos atentados bombistas que demonstram uma objectiva convicção entre os criminosos fascistas e as autoridades que nada fazem para os aniquilar, foram denunciados pelos nossos camaradas, como sendo uma peça do plano geral da direita reaccionária para impor em Portugal uma nova ditadura fascista. Seguiu-se uma importante discussão política em que ficou clarificada a posição do MES face à social-democracia e ao reformismo, perfeitamente incapazes de oporem uma sólida barreira ao fascismo e ao imperialismo, que só a força do movimento Popular poderá derrotar.

AVEIRO-Albergaria-a-Velha

Sessão de esclarecimento até às duas da manhã

O interesse dos trabalhadores pelas sessões de esclarecimento do MES, ficou bem expresso em Albergaria-a-Velha onde cerca de oitenta operários e camponeses se mantiveram presentes até às duas da manhã num interessantíssimo

debate político com os nossos camaradas Jacinto e Carlos Lourenço. Nesta importante sessão foi demonstrada a necessidade de erguer uma poderosa frente de massas antifascista e anticapitalista que iníque a luta do nos-

algumas sessões de esclarecimento

so Povo contra a repressão, a mentira e a miséria. O papel das eleições, a política do MES face à questão sindical, os problemas dos retornados e as

críticas às posições reformistas sobre o «voto útil» foram temas que mobilizaram os trabalhadores presentes, que participaram activamente nesta sessão.

SETUBAL Trafaria

O PS com uma sessão às moscas: o MES com larga adesão!

A mesma hora, na Trafaria realizaram-se 2 sessões de esclarecimento: uma, do PS com grande propaganda não conseguiu reunir mais de que trinta pessoas na sua maioria pequeno-burgueses; outra a do MES, apesar dos nossos fracos recursos que impedem uma ampla convocação, com mais de cem trabalhadores, na sua maioria operários.

Foi uma sessão de grande afirmação partidária, em que os camaradas António Fazendeiro, Margarida Leão e João Martinho apoiados pelos presentes, desenvolveram as posições do MES em relação a necessidade da unidade revolu-

nária contra o fascismo e pelo Poder Popular.

Foi também abordada a questão do chamado «VOTO ÚTIL» tendo sido denunciada a campanha dos reformistas do PCP que procuram a todo o custo isolar o MES, utilizando esse chávão que escamoteia a enorme diferença que existe entre o papel dos deputados revolucionários e o dos deputados reformistas.

Na fase de discussão, e para além do aprofundamento da crítica revolucionária à linha revisionista de conciliação e pactuação foi igualmente analisado o papel da FUR, os seus erros e limitações.

COIMBRA-Via Nova de Poiares

Apesar das ameaças fascistas a sessão realizou-se

Depois dos incidentes provocados pela tentativa

de agressão fascista (à chicotada) contra os nos-

so camaradas que afixavam a propaganda relativa à sessão, e que se saldaram pelo isolamento dos reaccionários por parte da população trabalhadora, o MES realizou em Vila Nova de Poiares uma sessão de esclarecimento que contou com a participação activa de cento e vinte trabalhadores, na sua maioria jovens.

Os nossos camaradas Torres e Paulo Bácia fizeram intervenções em que abordaram fundamentalmente a actual ameaça fascista e o papel dos partidos da direita (PDC, CDS, PPD,

PCP-m-1, AOC) que são neste momento a guarda avançada legal dos golpistas reaccionários. A análise do significado das eleições e do papel da candidatura do MES, a candidatura pela unidade do povo, contra o fascismo e pelo poder popular, foi seguidamente desenvolvida pelos nossos militantes.

A forma como a sessão decorreu constitui uma grande vitória do MES numa região onde caciques reaccionários tentam a todo o custo calar a voz dos revolucionários!

BEJA-Alfundão

Trabalhadores rurais com o MES

Mais de cem trabalhadores rurais estiveram presentes numa sessão de esclarecimento do MES nesta localidade. Dirigida pelo camarada Figueiredo e Agostinho, a sessão iniciou-se com intervenções sobre a actual situação da Reforma Agrária, alvo principal dos ataques da burguesia e do seu aparelho de Estado, tendo sido também analisados os problemas relativos à unidade dos trabalhadores da cidade e do campo

e à questão da unidade revolucionária. A posição do MES sobre o actual momento político, em que os reaccionários procuram atacar as principais conquistas populares, foi também pelos candidatos presentes.

A adesão dos trabalhadores às posições do MES foi um facto, evidenciado nas suas principais intervenções, em que o acordo com a nossa linha de actuação ficou bem expresso.



ELEIÇÕES

PROGRAMA DA SEMANA

AVEIRO

DIA 14
Frães, Casa do Povo, às 21.30.

DIA 15
Branca (Alb-a-Velha) na Escola Primária, às 21.30; Avanca, na Junta de Freguesia, às 21.30.

DIA 17
Válega, Junta de Freguesia, às 21.30; Vale Maior, no Grupo Desportivo do Prado, às 21.30; Milheiros de Poiares (S João da Madeira), no Salão Paroquial, às 21.30.

DIA 19
Macieira de Sames, (S João da Madeira), no Salão Paroquial, às 21.30; Cortegaça (Ovar), na Junta de Freguesia, às 21.30; Betazaima (Águeda), na Junta de Freguesia, às 21.30.

BEJA

DIA 15
S. Matias (Beja), e Faro-do-Alentejo (Cuba)

DIA 16
Odemira, S Teotónio e Sabóia

DIA 17
Albemoa e Albergaria-dos-Fusos

DIA 18
Corte-Pinto, S João dos Carros, S João dos Caldeiros, S Pedro de Solís, S Miguel do Pinheiro e S Marcos de Ataboeira

DIA 19
Aldeia Nova de S Bento e A-do-Pinto

BRAGA

DIA 14
Moreira do Rei, às 21 h.

DIA 18
Comício em Fafe, às 21 h.

CASTELO BRANCO

DIA 14
Pero Viseu

DIA 15
Unhais da Serra e Juncal do Campo, às 21

DIA 16
Tortosendo e Vale Prazeres, às 21

DIA 17
Penamacor e Covilhã, às 21

DIA 18
Idanha-a-Nova e Lenticais, às 21

DIA 19
Malpica, às 21

ÉVORA

DIA 14
Glória, na Escola Primária.

LISBOA

DIA 15
Na J B Cardoso; em Caselas, no Casalense Fut Clube; na Luso-Italiana, no Oriental Recreativo do Bairro-Chinês

DIA 17
Em Fetais, no Largo dos Autocarros

DIA 19
Em Queijas, 1ª de Dezembro

LEIRIA

DIA 15
Picardinhos (Marinha), às 21.

DIA 18
Castanheira de Pera, nos Bombeiros, às 17.30

DIA 19
Valado de Frades (Nazaré) na Biblioteca, às 21.30.

FARO

DIA 14
Cacela, na Escola Primária; S Marcos da Serra na Sociedade Recreativa, às 21.30

DIA 15
Vila Real de Santo António, no Lusitano Futebol Clube, às 21.30

DIA 16
Em Albufeira, na Escola Primária, às 21.30; em Ferragudo, às 21.30; Moncarrapacho, na Casa do Povo, às 21.30

8. Poder Popular

DIA 17

Cachope, às 21.30, Pademe, na Casa do Povo, às 21.30 e Boliqueime, na Escola Primária, às 21.30

DIA 18

Lagos, na Casa da Cultura; Estomar, na Sociedade Recreativa, e Lagoa, no Sport Clube Lagoense, às 21.30.

DIA 19

Portimão no Ginásio do Liceu, às 21.30

GUARDA

DIA 14

Cotimos e Fredles, às 21

DIA 15

Nave de Haver, Casteleiro e Manteigas, às 21

DIA 16

Pinhel e Freixedes, às 21

DIA 17

Videmonte, às 15.30 e 21.

DIA 19

Guarda (Gare), às 21.

SANTARÉM

DIA 14

Vale Cavalos (Alpiarça) e Ulme (Chamusca)

DIA 15

Glória do Ribatejo e Marinhas

DIA 17

Santana do Mato e Foros de Coruche

DIA 18

Alpiarça, Ribeira de Santarém e Póvoa Isenta

DIA 19

Tramagal e Alferrarede

SETÚBAL

DIA 14

Alcochete (Casa do Povo), (Seixal Fut. Club), Palmela (Soc. Fil. Loureiros) e S. Domingos da Serra (Casa do Povo)

DIA 15

Torrão (Soc. 1.º de Janeiro) e Sines (Esplanada Alentejana)

DIA 16

Setúbal (Salão INATEL), comício distrital e Alvalade (Cinema do Povo)

DIA 17

Torrão (Casa do Povo), Santiago do Cacém (Casa do Povo) e Sesimbra (Salão Vila Amália).

DIA 18

Laranjeiro, Abela, Sines (Escola Primária de Porto Curvo) e Barreiro (Grupo Desportivo Ferroviário)

DIA 19

Pragal (Almada) na União Pragalense, Santana (Sesimbra) na Soc. Santanense, St.ª Suzana, no Salão de Festas e Lavradio, na Soc. Fil. Agrícola.

VIANA DO CASTELO

DIA 14

S. Julião de Freixo, na Casa do Povo

DIA 15

Afife, no Casino Afifense

DIA 16

Darque, na Associação Cultural

DIA 17

Nevez, no Centro Recreativo e em Campos, no Centro Cultural.

HORÁRIO DAS EMISSÕES NA RÁDIO E TV

Dia	Horas	Emissor	Temas	Intervenientes		
14	20.20	Rádiodifusão Portuguesa	Situação da mulher	Adelaide de Jesus e Carmo Mateus Candidatas por Lisboa		
	23.50	Rádio Renascença	Problemas da juventude e estudentis	Paulo Bárrio, candidato por Coimbra José Elias dirigente associativo de Lisboa		
15	23.10	Rádio Renascença	O MES e o seu papel no processo revolucionário desde o 25 de Abril	Eduardo Graça, membro do Comité Central e candidato por Lisboa Agostinho Roseta e Francisco Farrica, candidatos por Lisboa e Setúbal		
16	21.10	RTP	A questão sindical	Rogério de Jesus membro CC e cand. por Leiria		
			O MES e as eleições			
18	23.50	Rádio Renascença	O projecto da central nuclear, exemplo de submissão ao imperialismo	Núcleo de Leiria do MES		
			18.30	Rádio Renascença	A situação nos sectores operários em crise	Carlos Pratas
			19.00	Rádiodifusão Portuguesa	A situação na habitação	João Cordovil
19	19.50	Rádiodifusão Portuguesa	Reforma Agrária	Moreira, candidato por Beja Carlos Cabral, candidato independente por Setúbal		

OUTRAS EMISSÕES

Rádio	Altitude (VISEU)	Emissor Regional da Madeira	Asas do Atlântico	Emissora Reg. do Sul (FARO)
Dia hora			Dia hora	
14 16.35		15 20.00	14 23.30	15 22.25
21.40		16 20.15	15	17 22.30
		18 20.00	15 12.00	Rádio Difusão do Funchal
16 16.35		Estação Rádio da Madeira	23.20	14 20.20
21.40		14 21.30	16 12.05	15 20.40
18 16.30		15 21.50	23.10	16 12.30
21.30		16 22.10		17 12.50
		17 17.00	17 12.10	18 20.10
19 16.55		18 18.50	23.00	19 20.30
22.20		19 21.40		
Emissoras das Beiras		Rádio Clube de Angra	19 12.20	Emissor Regional dos Açores
15 16.50		14 15.50		14 20.45
17 16.55		15 21.45	Emissora Regional do Norte (P.)	15 20.50
		16 21.15	16 22.20	16 20.55
Emissora Regional do Centro		17 15.30	16 22.25	18 20.30
18 22.30		18 21.30		19 20.35
		19 21.45	18 22.35	

OVAR - Os operários da SMOL não recuam!

Por toda a parte os trabalhadores tomam a cabeça da luta contra a repressão e a miséria, fazendo barreira à ameaça fascista.

Em Ovar, os trabalhadores de várias empresas, acreditando acima de tudo nas suas próprias forças, têm tomado com firmeza a iniciativa da resistência ao agravamento da exploração, têm mostrado com clareza não estarem dispostos a serem eles as vítimas da crise dos patrões. Em Ovar, como por todo o lado os patrões sabotam, não cumprem os contratos colectivos, ameaçam os trabalhadores mais combativos e despedem-nos.

Na Mariceu, fábrica de sal, a conhecida exploradora Maria do Céu Rasteiro lançou no desemprego 18 operários, encerrando a fábrica. A actividade desta exploradora é uma história de violências físicas, insultos, salários de miséria, aldrabices (desconta para o sindicato e a Caixa sem os trabalhadores estarem legalizados), provocações.

Na Alçada e C.^a, os trabalhadores exigiram, de acordo com o CCT, o aumento de salários na mesma medida da subida do custo de vida. Os patrões não querem ceder, mas os trabalhadores corajosamente foram para a luta e neste momento estão em greve com ocupação de fábrica. **Na Fana-fel**, fábrica de feltros industriais, cujos patrões são em parte os mesmos de Alçada e C.^a os trabalhadores também avançaram na luta pelos mesmos objectivos, decidindo fazer greve de zelo.

Na SMOL, fábrica de máquinas e ferramentas, os trabalhadores, colocados em situação difícil, e muitos deles na miséria, por não lhes serem pagos os salários, estiveram em luta e venceram. Foi com dois elementos da CT da SMOL que Poder Popular conversou.

PP: Qual a história da vossa luta?

CT: A nossa luta começou a travar-se em Setembro de 75 quando se recusaram a pagar-nos os salários dizendo que não tinham dinheiro. No entanto, a produção estava tomada até 31 de Dezembro e os trabalhadores continuavam a produzir, como de costume, quatro máquinas mensais. Os patrões acabaram por pagar alguns dias depois. Considera-

mos um boicote a atitude do patrão, pois a venda das máquinas era normal e o cliente exclusivo continuava a pagar. Em virtude da nossa desconfiança perante as manobras do patrão a CT apresentou aos trabalhadores uma proposta de controlo operário que foi aprovada em plenário. Começámos por controlar os gastos por torno mecânico para ver se a peça dava lucro ou prejuízo. Os patrões tenta-

ram boicotar este nosso controlo. Para controlar as vendas entrámos em contacto com a CT da ROMAR, empresa compradora em exclusivo dos tornos. Começámos a acompanhar o patrão nos nossos contactos com firmas distribuidoras para assim controlar a acção dos patrões quanto a futuros negócios.

É conveniente referir que nunca nos foi paga a portaria desde Junho.

Em Fevereiro a patroa fez várias reuniões com os trabalhadores alegando que não tinha dinheiro para nos pagar, quando de facto os trabalhadores continuavam a produzir normalmente.

No fim de Fevereiro não nos é pago o mês. A CT reúne com os trabalhadores para encetar novas formas de luta.

Fizemos paralisações progressivas para os trabalhadores discutirem e darem soluções. Em 19 de Março paga a todos por igual 3800\$00 relativos a Fevereiro, continuando a dizer-nos que não tem dinheiro, quando antes disto foi passar 8 dias a Espanha onde comprou um carro caro... Os trabalhadores ao saberem isto reagiram, pois consideram isto uma provocação.

Por esta altura já havia trabalhadores a pedir esmola para pagarem a renda e alimentarem os filhos.

No dia 31 parámos às 10 h para discutir a si-

tução e decidimos controlar toda a fábrica, inclusive a patroa no escritório, para encetarmos negociações. Fizemos piquetes, controlámos o telefone, entradas e saídas, para obrigar a patroa a pagar. Neste mesmo dia a patroa arranjou 500 contos para pagamentos! A PSP chegou a contactar a CT, chamada por alguém afecto à patroa, vinha ver se estava um casal «preso» na fábrica, tendo chegado a fazer pressão para entrar, ao que se opuseram os trabalhadores. Nós dissemos-lhes que eles deviam era averiguar como é que saíram as divisões para a compra do automóvel da patroa e eles responderam: «Divisas? Se ainda fossem galões...» viraram as costas e foram-se embora.

PP: Quais as principais lições da vossa luta?

CT: Os trabalhadores devem controlar toda a produção, controlar os patrões e os seus laçaios, obrigando-os a cumprir os direitos dos trabalhadores. A experiência mostra-nos que não devemos recuar, mas sim resistir e lutar, pois só assim venceremos. Uma lição importante é o apoio que temos recebido das CTs da zona de Ovar.

PP: Qual o futuro?

CT: Os trabalhadores várias vezes pediram uma reestruturação neste sector e uma organização na fábrica, investi-

BREVE

CDS - partido fascista ou quando o Freitas andava aos pontapés aos bancos...

Nestas eleições com a recuperação que lhes permitiu o 25 de Novembro os partidos fascistas surgem com novo ânimo.

O PDC já é democrático(!) mesmo, talvez mais que o CDS...

Entretanto este (a quem Spínola se diz ligado...) utiliza uma estratégia ofensiva, aparecendo Freitas do Amaral a afirmar que se ganhar, o CDS governará sozinho.

Todos sabemos o que isso significaria!...

Quem esqueceu, por exemplo o livro que o assistente de Marcelo Caetano devotadamente organizou e dedicou ao «querido mestre»? E a carta que, já depois do 25 de Abril ele com os outros colegas assinou, pedindo o regresso do ditador à sua cátedra, carta que lhe valeu afias o saneamento?

Mas já agora mais um episódio a que assistimos:

Em pleno fascismo, em 1969, os estudantes da Faculdade de Direito realizaram uma greve que durou dois dias e em que foram frequentes os confrontos com fascistas, tendo mesmo sido erguidas barricadas. Ao fim do segundo dia, após intervenção da polícia de choque, a Faculdade foi encerrada.

Já com os corredores vazios, o que nos é dado assistir? O seráfico Freitas, então já à vontade, desata em ataque histérico ao pontapé aos bancos que durante dois dias tinham servido de barricada.

Assim se expandia o furor que aquele desrepeito à ordem fascista nele causava.

Lembras-te ó Freitas?

Nós não nós esquecemos.

mento e técnicos, pois só assim poderá ser garantido o futuro de todos nós. Este sector é sensível às crises económicas e é uma indústria que preci-

sa urgentemente de ser reestruturada, pois que o País não chega a exportar 70 000 contos por ano e importa 500 000 contos.

Os fascistas da CAP reuniram em Marvão!



Enquanto a GNR protege os fascistas



os trabalhadores manifestam-se a 10 km de distância...!

Fez domingo uma semana que os trabalhadores rurais da zona de Portalegre impediram que a CAP realizasse um plenário naquela zona.

A CAP é uma organização onde a pretexto da defesa dos interesses dos agricultores, se reúnem e organizam toda a casta de fascistas e exploradores do povo, empenhados em defender e recuperar os seus privilégios, destruir a Reforma Agrária e todas as conquistas dos trabalhadores, numa palavra — voltar ao fascismo.

É pois uma luta justa a que contra tal gente os trabalhadores rurais travaram, pois face ao fascismo só uma forma de actuação é correcta — o combate até à sua destruição.

Entretanto, os senhores da CAP vieram para

os jornais atacar as Forças Armadas por não terem reprimido os trabalhadores garantindo o seu «democrático» direito de reunião.

É bem sabido que estes senhores, que tanto exigem as «suas» liberdades democráticas, são os mesmos que onde têm força acabam com elas não permitindo que mais ninguém exprima a sua opinião (veja-se Rio Maior, onde se perseguem os antifascistas; veja-se Braga ou Vila Real, onde o terrorismo fascista tenta impôr-se; veja-se os Açores de onde os comunistas tiveram de fugir). Provocatoriamente, a CAP marcou novo Plenário para este domingo no mesmo sítio onde fora impedida de realizá-lo uma semana antes.

Em tom de ameaça afirmava que «garantiria por si a segurança dos

participantes, caso o Exército o não fizesse».

Os tempos parecem estar para estes democratas. Pezarat Correia chefe da RM Sul, muito sensibilizado com os protestos dos fascistas, apressou-se a garantir que o «direito de reunião» seria mantido. Que o CAP poderia difamar e conspirar em segurança.

O Sindicato dos Trabalhadores Rurais, como a Li a dos Pequenos e Médios Agricultores, encontraram uma «forma de luta» que classificamos de curiosa: convocaram uma concentração de trabalhadores em Portalegre, a 10 km do local onde reuniram os fascistas!

Não sabemos se a causa foi o Sindicato reconhecer os direitos democráticos aos fascistas da CAP, se foi o facto de certos partidos empe-

nados neste momento sobretudo em caçar votos, estarem dispostos a evitar confrontações a todo o custo — mesmo ao custo de deixarem os fascistas avançar... O que é certo é que os mesmos trabalhadores que uma semana antes, espontaneamente decidiram lutar e expulsar os seus inimigos, acabaram por deixá-los reunir à vontade organizarem o ataque à Reforma Agrária.

Por certo não faltará quem agora venha dizer que foi «mais uma jornada de luta gloriosa dos trabalhadores do Alentejo». Mas terá isto sido uma vitória dos trabalhadores?

É necessário que todos pensemos nisto.

Para que não mais sejamos enganados.

Para que nos unamos e lutemos impedindo o fascismo de avançar!

O fascismo não passará!

Porto — CDS e polícia de mãos dadas desancam o povo

Aqui apresentamos um pequeno resumo do que se passou no Porto no último domingo ocasionado pela realização de um comício fascista.

O CDS marca um comício para as 17.30 horas na Praça Humberto Delgado.

16.30 horas — Um grupo de cerca de 500 fascistas do CDS concentra-se na Avenida dos Aliados até à Praça da Liberdade, de matracas, navalhas, cinturões e pistolas espancando todos os que à sua volta se encontravam ferindo dezenas de pessoas e atingindo um homem de idade a tiro gravemente.

19.00 horas — Quase no fim do comício, chegam duas carrinhas da «extinta» polícia de choque, com capacetes e bastões, vindo os policiais também para a zona de concentração dos antifascistas para evitar «confrontações», mantendo-se em atitude de constante provocação.

19.30-20.30 h. — Um pequeno grupo de fascistas do CDS aproxima-se da Praça da Liberdade provocando os populares antifascistas ali presentes ao que estes respondem gritando: «Morte ao fascismo»

Os CDS desatam à perseguição sobre o povo perante a passividade da polícia de choque.

A polícia de choque acaba por intervir mas em vez de carregar sobre os fascistas que haviam começado a agredir os populares resolve dispersar estes à bastonada, provocando numerosos ferimentos.

Quando o comício acaba e os fascistas começam a descer para a Praça da Liberdade a polícia de choque inicia nova e mais brutal carga de bastão sobre o povo desarmado ali presente, não hesitando em atingir violentamente senhoras grávidas ou com crianças ao colo, velhos etc..

Assim, limpa toda aquela zona para abrir espaço à passagem triunfante da burguesia fascista que regressava do comício.

20.30 horas — Um punhado de antifascistas reúne todos os trabalhadores que à volta daquela zona se mantinham aproveitando a sua indignação perante a colaboração da polícia de choque.

21.30 horas — A manifestação volta à Praça da Liberdade onde se reali-

za um pequeno comício e onde é anunciada a libertação do camarada preso e que este, enquanto havia estado na PSP, havia sido espancado selvaticamente por esses assassinos do povo às ordens de Pires Velloso.

Camaradas: O que agora se passou no Porto é mais uma prova da justeza da nossa palavra de ordem UNIPALAVRA DE ORDEM UNIFICADA.

Segue-se para o quartel da PSP a exigir a libertação de um antifascista que se mantinha preso.

Forma-se uma comissão de seis elementos representantes dos partidos de esquerda presentes para irem falar com o comandante da PSP.

Ao subir as escadas do quartel, estes seis elementos são impedidos de entrar por um piquete que, sem qualquer aviso, descarrega sobre eles com a coronha da G-3, ao mesmo tempo que outros policiais apontam as metralhadoras para o povo em gesto de ameaça, quando este começa a gritar «Fascistas assassinos».

21.30 horas — A manifestação volta à Praça da Liberdade onde se reali-

za um pequeno comício e onde é anunciada a libertação do camarada preso e que este, enquanto havia estado na PSP, havia sido espancado selvaticamente por esses assassinos do povo às ordens de Pires Velloso.

Camaradas: O que agora se passou no Porto é mais uma prova da justeza da nossa palavra de ordem UNIPALAVRA DE ORDEM UNIFICADA.

Brandoa - o PPD não passou

- carta de um operário

Camaradas do «Poder Popular»:

Uma das características dos partidos da burguesia é nunca se preocuparem com os interesses dos trabalhadores excepto quando... se trata de caçar votos.

Assim aconteceu, desta vez, no bairro da Brandoa onde vivemos nas piores condições.

Nós, que construímos os luxuosos bairros onde vivem os patrões, somos atirados pelo fascismo para bairros miseráveis longe do centro da cidade, sem transportes decentes, para casas construídas clandestinamente por especuladores sem escrúpulos, por todos os J. Pimentas que enriquecem à nossa custa.

O fascismo não passará. E foi aqui, no nosso bairro que os partidos fascistas CDS e PPD tentaram fazer as suas sessões de «esclarecimento» e protegidos pelos seus gorilas - profissionais e por grande apar-

DADE DO POVO CONTRA O FASCISMO PELO PODER POPULAR.

Porque, só unindo a classe operária e o povo em torno das comissões de trabalhadores, das comissões de moradores e dos conselhos de aldeia, só unindo os revolucionários para erguer uma ampla Frente de Resistência Antifascista, Anticapitalista e Anti-imperialista se conseguirá tra-

var o passo ao fascismo, atacando pela raiz, pela luta contra a recuperação capitalista, pela defesa das conquistas dos trabalhadores para de novo se passar à ofensiva derrubando de vez o poder da burguesia e construir a sociedade Socialista, gerida pela classe operária e o povo trabalhador unidos e organizados nos seus órgãos de PODER POPULAR.

to da «nova GNR democrática» de choque.

Porém o povo da Brandoa não dorme. Respondendo ao apelo do CUAF — Comité de Unidade Antifascista, e apesar da chuva, largas centenas de habitantes da Brandoa desceram à rua para impedir esta provocação.

Na passada quinta-feira foi o CDS. Protegidos pelos gorilas da GNR e «choques» fizeram a sua sessão para três declarações fascistas cá do bairro, que têm sempre vivido à custa de roubarem os moradores explorados.

**CDA NÃO PASSOU!
PPD NÃO PASSARÁ!**

Não satisfeitos com a lição de 5.ª-feira, os fascistas do PPD tentaram repetir a gracinha.

Mas desta vez o povo da Brandoa, o povo explorado e oprimido do nosso bairro, apesar da presença maciça da

GNR e dos «choques» deu o justo ensinamento à meia dúzia de sobejamente conhecidos fascistas que se atreveu a entrar na Sala. Todos nós os conhecemos de longa data e teremos de lhes dar combate. É de fazer notar que o cabo da GNR da Brandoa, também presente, é um elemento do PPD. O povo da Brandoa não permite que briquem com ele e soube dar a resposta que esses cães mereciam.

Isto apesar da carga assassina da GNR, que tentava afastar o povo, maneando ferozmente os seus bastões e coronhas de espingardas, fazendo vários feridos. Concentrando-se em massa no largo, unidos e organizados, os milhares de antifascistas impediram, a sessão dos reaccionários.

Concentrando-se em massa no largo, unidos e organizados, os milhares de antifascistas impediram, a sessão dos reaccionários.

Concentrando-se em massa no largo, unidos e organizados, os milhares de antifascistas impediram, a sessão dos reaccionários.

E o PPD não passou!



Fez, no dia 11 deste mês, um ano que foi fundada a Associação de Moradores 25 de Abril, órgão de poder popular que representa os moradores de nove bairros pobres de barracas e casas degradadas em Linda-a-Velha.

Este ano de existência traduz, no entanto, mais de um ano de luta pela revolução e pelo socialismo, pela defesa e fortalecimento do poder popular, pela condução pelos trabalhadores dos seus próprios assuntos, neste caso na forma de luta pela melhoria das condições de habitação da população daqueles bairros.

«PODER POPULAR» foi falar com a direcção desta Associação acerca do significado da sua luta, da sua história, e saber quais os problemas que actualmente tem de enfrentar.

Neste número, por absoluta falta de espaço, apenas nos referimos a um dos processos de luta em que esta Associação e os seus moradores estão empenhados: a luta pela habitação decente, contra as rendas por barracas, contra os despejos, pelo fortalecimento do poder popular e dos seus órgãos.

A organização dos moradores iniciou-se através da criação de CM's em vários bairros. A falta, por vezes, de uma real consciência de

luta e organização, nesse começo, assim como a necessidade sentida de coordenar esforços, motivou a formação da Associação de Moradores 25 de Abril, que

só se fez passados 4 meses.

Um dos bairros que esta Associação abrange é o da D. Aninhas. Nesse bairro, «uma quinta onde a senhoria neiz uns galinheiros que começou a alugar às pessoas», os moradores mobilizaram-se numa luta pelo não pagamento de rendas, em Julho de 1975.

«A senhoria reagiu e fez várias tentativas para obrigar os moradores ao pagamento das rendas. Em outubro/75 ela conseguiu com que os comandos viessem ameaçar as pessoas, de que seriam postas na rua caso não pagassem as rendas. Só que tivemos o apoio do Copcon, que veio cá logo a seguir dizer que tinham vindo enganados e que estariam do nosso la-

Fizemos sessões de esclarecimento lá no bairro, para que os moradores não temessem as ameaças da senhoria, e continuassem firmes na luta, com o nosso apoio».

As casas deste bairro não têm condições de habitabilidade, sendo o não pagamento das rendas justíssimo.

«Com o 25 de Novembro, essa senhoria, vendo o recuo das massas trabalhadoras, emitiu documentos falsos aos moradores, dando prazos de 4 ou 5 dias para saírem se não pagassem».

Contactou então alguns advogados da burguesia, que fizeram uma acção de despejo contra um associado.

A direcção contra-atacou, perdendo uma semana de trabalho para actuar neste campo, tratando dos

papéis de contestação da acção, sendo as despesas pagas pela Associação.

Neste momento, o processo está em tribunal. Nas seja a causa ganha ou não neste terreno legal, quem tem de ir para a rua é essa senhoria».

A direcção da Associação está disposta a empregar todos os esforços para que este morador, que já lá mora há 17 anos, não seja posto na rua.

«Ela quer fazer um teste, a seguir a este despejo seguir-se-iam outros, mas a Associação diz NÃO! Nem que tenha que fazer piquetes de vigilância dia e noite. Para isto, a nossa Associação pede desde já todo o apoio das CM's e CT's para preparar a solidariedade com esta luta exemplar».

EM FRENTE COM A 25 DE ABRIL

ASSOCIAÇÃO DE MORADORES

25 de ABRIL

LINDA-A-VELHA

Viva o Poder Popular

LUTA DOS MORADORES Contra os despejos! Pelo abaixamento das rendas!

A maior parte do povo português — nos campos e nas cidades — vive em péssimas condições de habitação.

Só em Lisboa e arredores somos 200 000 proletários a viver em barracas ou casas abarracadas.

Em quartos e partes de casa sem nenhuma condição vivem também centenas de milhares de homens, mulheres e crianças.

Tudo isto acontece enquanto se continuam a gastar rios de dinheiro em coisas inúteis e uma minoria de exploradores continua a viver regaladamente à custa do nosso suor e do nosso sangue. Muitas casas ainda se encontram vazias e nós vemos cada vez mais entraves à nossa justa luta da habitação.

Qual tem de ser então a nossa resposta?

Unir e organizar os moradores pobres e explorados.

Para o Movimento de Esquerda Socialista é nestes bairros que se levanta a principal frente de organização dos trabalhadores na luta pela habitação.

Unir os bairros de lata e pobres de cada zona através das suas associações cooperativas e comissões de moradores, **criar um forte movimento comum aos bairros de lata e pobres de todo o País** na sua luta por casas decentes será uma grande vitória que

é perfeitamente possível atingir a partir da organização que já existe.

CONTRA OS DESPEJOS E PELO ABAIXAMENTO DAS RENDAS DE CASA

O Governo, os Tribunais burgueses e a policia estão a lançar uma grande ofensiva contra as ocupações e todos os dias se sucedem despejos executados pela força.

Como resistir a esta ofensiva?

O Movimento de Esquerda Socialista aponta o caminho seguido nos locais onde existe uma forte organização de ocupantes e de outros moradores pobres e explorados.

O MES considera que é necessário unir **aluta dos moradores nos bairros de lata e pobres** à sua luta pela **defesa das ocupações justas, contra os despejos e pelo abaixamento das rendas de casa**. Esta união tem de se fazer com **acções concretas**.

Tu que és morador pobre, tu que ocupaste uma casa por necessidade e sem oportunismo, tens de criar a tua organização com os que estão na mesma luta. Não nos podemos deixar embarcar em falsas comissões de moradores, comissões que fazem muito barulho mas que não nos organizam para a luta — nada tem a ver com o Poder Popular e só nos levam à derrota.

Contra a miséria, contra a exploração — casas sim, barracas não!

Entrevista com António Machado, elemento activo da Comissão de Moradores da Quinta das Fonsecaas — Bairro de Lata de Lisboa. A sua intervenção é a nível individual não responsabilizando a sua C.M.

— Machado, tu com os teus 60 anos, que viveste todo o tempo do fascismo, o que pensas de como o povo vivia nessa altura?

— Posso dizer que o povo viveu sempre na miséria e o trabalhador sempre explorado. Na era de 1935 a 36 havia fome e falta de trabalho, de 36 a 39 muito mais miséria houve no País devido à Guerra Civil de Espanha: eram géneros enviados à Espanha como sobras de Portugal e o povo morria de fome com o racionamento. O trabalhador ganhava 7\$50 de salário por dia de sol a sol e mesmo assim não tinha trabalho. Só em 1940 é que, com a 2.ª Grande Guerra, começa a haver dinheiro em Portugal devido ao minério, mas foi sol de pouca dura. Todo o dinheiro que o trabalhador ganhou foi ter à mão dos exploradores, em virtude dos géneros serem caríssimos. Resultou uma grande crise no País e o povo emigrou. Maior crise foi na Reforma Agrária que ainda hoje a estamos a sentir.

Não só pelos emigrantes mas também pela guerra colonial aonde os nossos jovens soldados foram enganados a lutar e perder vidas para defender o dinheiro dos grandes capitalistas. Que tantas lágrimas de sangue fez chorar às mães portuguesas. Os deficientes das Forças Armadas mostram bem os horrores dessa guerra na defesa da burguesia.

— Machado, qual é a ideia que tens de como o povo, esse povo que vivia explorado recebeu o 25 de Abril?

— Para mim foi ale-

gria o que o povo sentiu pela derrubação do fascismo; por se ver libertado das algemas dos exploradores.

E também o 25 de Abril trouxe-nos muitas experiências, de 48 anos que vivemos debaixo do jugo fascista. Porque o trabalhador foi um farrapo humano embebido em lama, trepado aos pés do mais alto ao mais baixo cidadão. Porque os carcosos da P.I.D.E. pagos pelo Governo burguês de Salazar nunca nos deixou organizar.

Após o 25 de Abril pela linha justa que o M.F.A. mostrou ao povo, sentimos a necessidade de nos organizarmos em comissões de moradores, comissões de trabalhadores, conselhos de aldeia, elo popular com os camponeses, soldados e marinheiros para avançar com a Revolução unidos com o M.F.A. porque éramos nós os mais explorados que sentíamos na pele essa necessidade. Se não vejamos: fazemos casas e palacetes para os bur-

COMÍCIO

DIA 19

Com a presença de

Nuno Teotónio Pereira,

António Machado,

João Grácio e Vitorino Lemos

LISBOA

Voz do Operário

Entrevista com o camarada Machado da CM da Quinta das Fonsecaas

gueses, fazemos arranha céus para assegurar o dinheiro dos capitalistas. E não tivemos oportunidade de fazer uma casa decente para nós vivermos, fomos empurrados como leprosos para os bairros de lata, para barracas que mais parecem pocilgas do que vivendas humanas feitas com tábuas podres e 2 folhas de «aplacado» sem qualquer espécie de higiene.

Fazemos escolas, liceus, creches, infantários para os filhos dos burgueses e os nossos filhos ficam fechados nas barracas e andam descalços pela lama e a mexer nos caixotes de lixo sem nenhuma protecção, e esses senhores burgueses deitados em «camas» de ouro à custa do suor dos trabalhadores.

— Machado, tu há bocado falaste da linha justa do M.F.A. que apoiou a organização dos trabalhadores, mas nós no 25 de Novembro verificámos que alguns dos que se diziam do M.F.A. e continuam a dizer

traíram o povo trabalhador e que em muitos pontos estão a atacar a nossa organização de trabalhadores. Como é que tu pensas que podemos continuar a nossa luta?

— É por isso camaradas que lutamos contra a burguesia. Todos unidos num elo popular, para que não haja força sobrehumana que nos possa separar. Unidos e organizados não há armas que nos possam vencer. Lutaremos até à vitória final! Vale mais morrer de pé com a cabeça levantada do que toda a vida viver de joelhos aos pés da burguesia...

UNIDOS, ORGANIZADOS A VITÓRIA É NÓSSA!

DESTRUIR A BURGUESIA E LEVANTAR O PODER POPULAR!

— Machado, tu como poeta popular que és e que costumas explicar os teus sentimentos, o que sentes da exploração do povo? Podias através de uma das tuas poesias dar uma ideia daquilo que já disseste atrás.

UM ARTISTA SEM TRABALHO

Numa rua sobre a lama
cai com fome em pleno dia
Um artista sem trabalho
Coo és vil ó burguesia

Eu pergunto à sociedade
Se é que a sociedade existe
Se é triste ou não é triste
O não haver igualdade
O rico dorme à vontade
Na sua fofa cama
Pelo seu criado chama
Que lhe venha pôr a mesa
E o artista cai de fraqueza
Numa rua sobre a lama

Santo Deus se é que existes
Consentes isto em teu seio
Há uns com tanto recreio
Outros famintos e tristes
Proletário bem ouviste
Os rogos que então fazia
Numa manhã gelada e fria
Saiu pedindo trabalho
E por não ter agasalho
Cai com fome em pleno dia

Mas tu ó rico malvado
Que tens comer de sobejo
Tu não tens prazer nem pejo
Em ver o operariado
Devias ser castigado
Com o pesado e duro malho
Para saber quanto eu valho
Quanto é grande o meu nome
Para não deixares morrer de fome
Um artista sem trabalho

Tu desprezas o produtor
Só para seres vil e burguês
Tu não encaras nem vês
Mas sem ele não tens valor
Tu queres ser grande, senhor
E ter toda a garantia
Com essa tua envolumia
Dás o operário ao abandono
Só para te agarrares ao trono
Como és vil ó burguesia

Nota: Acaba de ser publicado um livro de poemas de António Machado. Está à venda também nas nossas sedes.



VOTAR MES PORQUÊ?

VOTAR MES É VOTAR NA UNIDADE

O M. E. S. — Partido da esquerda revolucionária — demonstrou nestes últimos dois anos e nas circunstâncias mais diversas e difíceis ser a organização que mais consequentemente defendeu a unidade do Povo.

Provou-o lutando no M. D. P. / C. D. E. pela efectiva unidade de todos os democratas antifascistas e do povo e só abandonando esta organização quando ela, enterrando o que de mais rico possuía, decidiu transformar-se em «Partido» apoiando outro partido.

Provou-o ao empenhar todas as suas forças na construção da F. U. R. e na unidade de todos os revolucionários civis e militares para evitar a derrota que à classe operária e ao povo viria a ser infligida no 25 de Novembro.

Provou-o na forma como hoje, após o 25 de Novembro, se empenhou em unir as massas na luta pela libertação dos antifascistas e revolucionários presos e contra o avanço da ameaça fascista.

Provou-o finalmente na forma como se empenhou na construção duma frente eleitoral unitária de esquerda.

Por isso dizemos: é indispensável votar no M. E. S. porque só os deputados do M. E. S. saberão lutar consequentemente pela unidade dos revolucionários, da classe operária e dos trabalhadores, pela UNIDADE DO POVO.

VOTAR M. E. S. É VOTAR CONTRA O FASCISMO

O M. E. S. demonstrou igualmente nestes últimos dois anos ser o partido que mais consequentemente lutou contra o fascismo, denunciando a preparação de todas as tentativas golpistas dos fascistas e chamando o povo à luta nos momentos decisivos.

Provou-o ao ser a única organização que denunciou as manobras de Spínola, Palma Carlos e Sá Carneiro na reunião do M. F. A. que teve lugar na Manutenção Militar em Junho de 1974.

Provou-o ao ser a única organização que denunciou o golpe spinolista que viria a ser derrotada no 28 de Setembro, quando os outros partidos ainda iludiam o povo promovendo manifestações de apoio ao então Presidente da República.

Provou-o denunciando o avanço dos spinolistas que viriam de modo assassino atacar o RALIS no dia 11 de Março e ao ser o único partido a atacar as eleições para a Constituinte de há um ano e ao denunciar o Pacto M. F. A./Partidos — afirmando bem alto que o fascismo não se controla ataca-se.

Provou-o ao denunciar o que representaram as posições sociais-democratas que abriam as portas ao fascismo, como se veio a confirmar no 25 de Novembro.

Por isso dizemos: é indispensável votar no M. E. S., porque só os deputados do M. E. S. saberão denunciar na Assembleia da República, aproveitando o seu estatuto, as manobras dos inimigos do povo e os avanços da ameaça fascista.

VOTAR NO M. E. S. É VOTAR NO PODER POPULAR

O M. E. S. demonstrou também nestes dois anos ser o único partido que consequentemente **12 Poder Popular**

sobe lutar pelo Poder Popular. Milhares e milhares de trabalhadores reconhecem estas verdades ao identificar sem hesitações o M. E. S. como **Partido do Poder Popular**.

Desde o 25 de Abril sempre dissémos que sem a organização dos trabalhadores nos seus locais de trabalho e de habitação em órgãos capazes de erguer o seu próprio poder contra o poder dos exploradores, o caminho para o socialismo não era possível.

Contra os que apontavam ao povo falsas muralhas a opor à conspiração e ao golpe fascista; contra os que diziam que «Povo/M. F. A.» era a aliança indestrutível, quando afinal a Assembleia do M. F. A. de Tancos a desfez como se fosse um baralho de cartas, o M. E. S. — partido da esquerda revolucionária — apontou o caminho seguro do Poder Popular onde pela primeira vez na história do nosso país, a vontade organizada do povo se uniu à força dos soldados e marinheiros, sargentos e oficiais progressistas, o caminho apontado pelo «Documento-Guia».

O Poder Popular sofreu uma primeira derrota importante no 25 de Novembro.

Mas o caminho está traçado.

Não será uma «maioria de esquerda» na Assembleia que derrotará a conspiração fascista!

Não serão os partidos que se dizem revolucionários mas sempre desarmaram o povo criando-lhes falsas ilusões em «salvadores» que serão os portavozes seguros do movimento popular e denunciarão no momento preciso a traição e a conspiração.

Na Assembleia, reaccionários e falsos democratas tudo farão para incitar os militares de direita ao golpe fascista, à repressão sobre o povo e os seus órgãos de poder e de luta. É certo que não é na Assembleia que as forças populares derrotarão a ameaça fascista e a ofensiva dos exploradores.

Mas é necessário levar também à Assembleia a voz do movimento popular, a voz do Poder Popular, para denunciar as manobras das forças do capital, da reacção e do fascismo.

Por isso dizemos: é indispensável votar no M. E. S., porque só os deputados do M. E. S. saberão fazer da Assembleia da República uma tribuna inteiramente ao serviço e na defesa do Poder Popular!

VOTAR NO MES É SER ÚTIL À REVOLUÇÃO

Votar no MES — É utilizar o voto contra o fascismo; é utilizar o voto contra as manobras nas costas dos trabalhadores; é utilizar o voto para a defesa do PODER POPULAR.

O que é voto útil?

— É um voto que não se desperdiça.

— É um voto que se economiza.

Mas não se desperdiça PORQUÊ?

Mas economiza-se PARA QUEM?

PORQUÊ E PARA QUEM?

Eis o nó da questão do voto útil.

Os fascistas do PDC, CDS e PPD dizem que é preciso votar neles porque os trabalhadores têm de ser «reeducados» para os interesses dos capitalistas portugueses e do imperialismo americano.

Os **SOCIAIS DEMOCRATAS** do PS dizem que é preciso votar neles porque a Europa capitalista só confia neles para reconstituir Portugal em moldes tão capitalistas como a sua Europa. OS **REFORMISTAS** dizem que é útil votar no PCP porque é preciso utilizar a classe operária e os trabalhadores para nas costas destes, negociar a derrota com a burguesia.

Nós, revolucionários, dizemos que é preciso votar no MES porque também é preciso estar à frente da classe operária e do povo e não escondido atrás dele, para que haja na Assembleia Legislativa deputados da Resistência Popular antifascistas e anticapitalistas.

O voto para a tão apregoada «maioria de esquerda» seria útil se a classe operária e o povo nela pudessem confiar para uma resistência eficaz e consequente ao fascismo e para o relançamento da ofensiva contra o poder da burguesia.

Mas, o que é que a história nos ensina?

A história ensina-nos que essa «maioria de esquerda» utiliza os trabalhadores para fazer arreganhos à direita, com o fito de conciliar no momento seguinte, a troca de alguns favores da democracia parlamentar burguesa.

Não tenhamos a ilusão de poder assistir à destruição do avanço desesperado da direita fornecendo à tal maioria de esquerda o exclusivo e a direcção da representação popular.

Um deputado revolucionário do MES significa tanto a possibilidade de **unir para resistir e de lutar para vencer** como vinte deputados reformistas significam a incapacidade de o fazer. Seria pensarmos que os reformistas se tornariam revolucionários como que por milagre, ou que o Parlamento é o terreno fundamental da luta de classes.

Seria abdicar de disputar aos reformistas a direcção política do movimento popular.

Mas os revolucionários não podem embarcar em ilusões e não podem abdicar de uma táctica independente.

Por isso, os revolucionários terão que estar à frente da Resistência Popular o ser o seu porta-voz na Legislação.

Os revolucionários e o povo querem ser úteis à **revolução e não à conciliação**

Votar no MES é ser útil à Revolução!

**UNIDADE DO POVO
CONTRA O FASCISMO
PELO PODER POPULAR!**